

Antropóloga analisa resposta cultural dos índios às doenças

Segundo Dominique Buchillet, pouco interesse é dado às representações indígenas acerca das moléstias infecciosas



O encontro prosseguiu ontem no auditório da Fiepa

Coordenado por Cibele Barreto Lins Verani, da Fundação Oswaldo Cruz, o Encontro de Medicinas Tradicionais e Política de Saúde na Amazônia prosseguiu ontem com o simpósio "Impacto do contato sobre as representações e práticas tradicionais da doença e seu tratamento", apresentado pela antropóloga Dominique Buchillet, que começou tratando da integração dos fatos e efeitos do contato sobre os sistemas etiológicos tradicionais, abordando o tema sob dois ângulos: representações indígenas das doenças introduzidas pelos brancos, como a gripe, o sarampo, varíola, tuberculose, malária, entre outras; e incorporação dos brancos e de suas possessões na teoria patogênica ou terapêutica das doenças propriamente indígenas.

Segundo Dominique, apesar de antropólogos e médicos terem abordado sob vários ângulos o impacto sanitário do contato sobre as populações indígenas, a importância das epidemias como fator de despovoamento e de desestruturação sócio-cultural, assim como as mudanças nos fatores de mortalidade das sociedades recém-contatadas, poucos antropólogos demonstraram interesse na representação indígena das doenças infecciosas. "É importante que os antropólogos conheçam as representações porque elas permitem determinar o tipo de resposta cultural adotada pelos grupos indígenas frente às epidemias. Daí a minha crítica à categoria genérica das doenças de branco, pois as doenças que o branco introduziu entre os povos indígenas, que chegaram a dizimar tribos inteiras, não são necessariamente interpretadas pelos índios como um contato interétnico" relatou Dominique.

Como exemplo, ela citou o caso dos índios da tribo Desana, que atri-

buem, por exemplo, duas origens diferentes a certas febres denominadas "dibakiri" (que tem veneno), cujas manifestações clínicas relembram os ataques palúdicos: uma endógena, originária da região do Alto Rio Negro, que eles atribuem à consumação excessiva de certas frutas — como o umari e ingá — durante a estação seca, "e para a qual conhecem um tratamento"; e a outra, exógena. "A exógena é a versão branca da malária, caracterizada principalmente pelo seu caráter virulento e suas dimensões epidêmicas, diante da qual eles se sentem impotentes", informou Dominique, acrescentando que assim como esse exemplo, existem outros demonstrando que as doenças introduzidas pelos brancos não podem ser apreendidas de uma maneira genérica pelos antropólogos: "Se certas doenças estão estritamente relacionadas pelos índios aos efeitos do contato, outras podem receber explicações alternativas, em razão da proximidade das suas manifestações clínicas com doenças descritas a partir dos esquemas etiológicos tradicionais".

Representações indígenas

Dominique salientou também que as representações indígenas das doenças introduzidas pelos brancos devem igualmente ser abordadas na sua contextualidade histórica, por

serem suscetíveis de variar ao longo do tempo, segundo as modalidades e formas de contato dos índios com diferentes representantes da sociedade nacional (missionários, garimpeiros, viajantes etc). "A apreensão das representações indígenas, isto é, da maneira com a qual os índios ajustam sua teoria da doença e da morte para explicar as perdas dramáticas ocasionadas pelas epidemias, pode não somente determinar o tipo de resposta cultural adotada pelos índios frente às epidemias — como fuga, suspensão de todas as atividades, resignação à morte —, mas também influenciar sua evolução e diminuir seu impacto letal sobre as populações indígenas", disse. Para exemplificar, Dominique contou que já aconteceu de na tribo Yonamami os índios interpretarem um surto de gripe como um ataque de hekula, oriundo de um povoado inimigo.

Fenômenos

Outro ponto abordado por Dominique foi o relacionado aos fenômenos de incorporação simbólica dos brancos e de seus bens como agentes e objetos potencialmente patogênicos ou terapêuticos, suscetíveis de serem utilizados, manipulados e controlados pelos pajés. "Uma característica comum aos grupos indígenas, durante seus primeiros contatos com representantes

da sociedade nacional, reside na forte impressão provocada pela superioridade tecnológica dos brancos", informou Dominique, acrescentando que isso motiva os índios a efetuar um verdadeiro trabalho de elaboração mitológica, não somente para explicar a superioridade tecnológica, como também suas consequências para as tribos indígenas. "Nas narrações mitológicas, as tribos indígenas tentam explicar a inferioridade tecnológica dos índios em relação ao branco, mas essas mesmas narrações dão várias soluções para reverter essa situação", contou.

Através de gêneros orais, como as encantações terapêuticas ou de agressão, rezas, cantos xamânicos, Dominique disse que os grupos indígenas podem explorar de maneira diferente a superioridade, "lhes conferindo, todavia, uma aplicação e uma eficácia simbólica imediata". "Existe uma certa forma de adaptação à nova realidade tecnológica e nisso os índios se revelam muito pragmáticos", disse. Ela falou ainda que os Yaminuaha, do Peru, depois de terem examinado de maneira atenta os estrangeiros e suas possessões, incorporaram os objetos manufaturados nos seus cantos terapêuticos, lhes conferindo poderes importantes.

Trabalhos

Após o simpósio, houve apresentação de vários trabalhos, entre os quais o de Dominique Gallois, da Universidade de São Paulo, sobre a etiolologia das doenças e opções terapêuticas entre os Waiápi do Amapari. Há 12 anos pesquisando entre os Waiápi, Gallois atentou para o fato de que os indígenas têm explicações lógicas para as doenças de brancos e que elas devem ser consideradas. "Existem alguns antropólogos e alguns profissionais da área médica que, ao estudarem o sistema indígena, dispensam o conhecimento dos índios em relação as doenças de branco, discriminando-o". Ela disse ainda que se os indígenas procuram assistência médica dos brancos é por uma questão política: "Eles exigem dos brancos uma retribuição, no sentido de que na concepção mitológica deles foi o branco que causou uma primeira contaminação nos grupos".

Para Gallois, quando os grupos indígenas exigem uma assistência médica é porque objetivam um reequilíbrio em relação à contaminação que se deu através de conflito entre o branco e o índio. "Os índios, ao mostrarem a necessidade de um reequilíbrio, não estão querendo desistir do seu sistema tradicional e sim criar um relacionamento entre os brancos", enfatizou. De acordo com ela, a discriminação parte dos agentes de saúde e dos programas de assistência médica nas áreas indígenas: "A medicina oficial se impõe, negando a eficácia do conteúdo tradicional", ressaltou.

Em defesa da demarcação de terras

O Encontro de Medicinas Tradicionais e Política de Saúde na Amazônia prosseguiu na tarde de ontem com uma sessão especial destinada ao pronunciamento de líderes indígenas, que na ocasião relacionaram a saúde dos índios à demarcação de suas terras. O índio Makuxi Euclides Pereira, que faz parte do Conselho Indigenista de Roraima, disse que o governo deve adotar medidas sanitárias urgentes para impedir que os Yanomami continuem morrendo em função de doenças transmitidas pelo homem branco. Os Yanomami têm 9 milhões de hectares de terras em Roraima, que desde 1987 são invadidas por garimpeiros, ao mesmo tempo em que ocorre a invasão endêmica. Para Euclides, nesse caso específico deve ser adotada uma política imediata de saúde, pois a demarcação de terras será demorada demais.

Outro problema levantado por Euclides Pereira diz respeito à invasão das tribos Makuxi, Mapi-xana, Ingarikó e Taurepang, que já ocorre há quase cem anos. "Devido à invasão, os índios dessas quatro tribos estavam saindo de suas terras e indo para muito longe. Então, começamos a executar um programa de conscientização do povo para ficar na terra indígena, procurando outras formas de sobrevivência". Ele acrescentou que os índios, sem poder mais pescar e caçar, começaram a plantar, além de criar porcos e carneiros. Os índios, agora, estão construindo retiros para esses tipos de produção. Apesar disso, a ação dos garimpeiros continua violenta. "Eles tocam fogo nas casas dos índios e quando não conseguem tirá-los das terras trazem a polícia, que mostra uma liminar da Justiça para que se retirem", disse. Apesar do

local já ter sido muito explorado, os garimpeiros ainda permanecem nas terras indígenas.

Da sessão especial de ontem participaram três líderes indígenas — Euclides, Manoel Moura (coordenador da comissão permanente das Organizações Indígenas da Amazônia Brasileira) e Deolinda Freitas Prado (presidente da Associação das Mulheres Indígenas do Rio Negro) —, coordenados pelo pesquisador do Museu Paraense Emílio Goeldi, Roberto Cortez. Ao final da sessão, ficou decidido que será elaborado um documento no qual constarão os problemas dos Yanomami. No final de outubro, a Justiça concedeu uma liminar para que os mais de 40 mil garimpeiros se retirem das terras da tribo; porém, a decisão ainda não foi posta em execução.



A sessão especial reuniu líderes indígenas